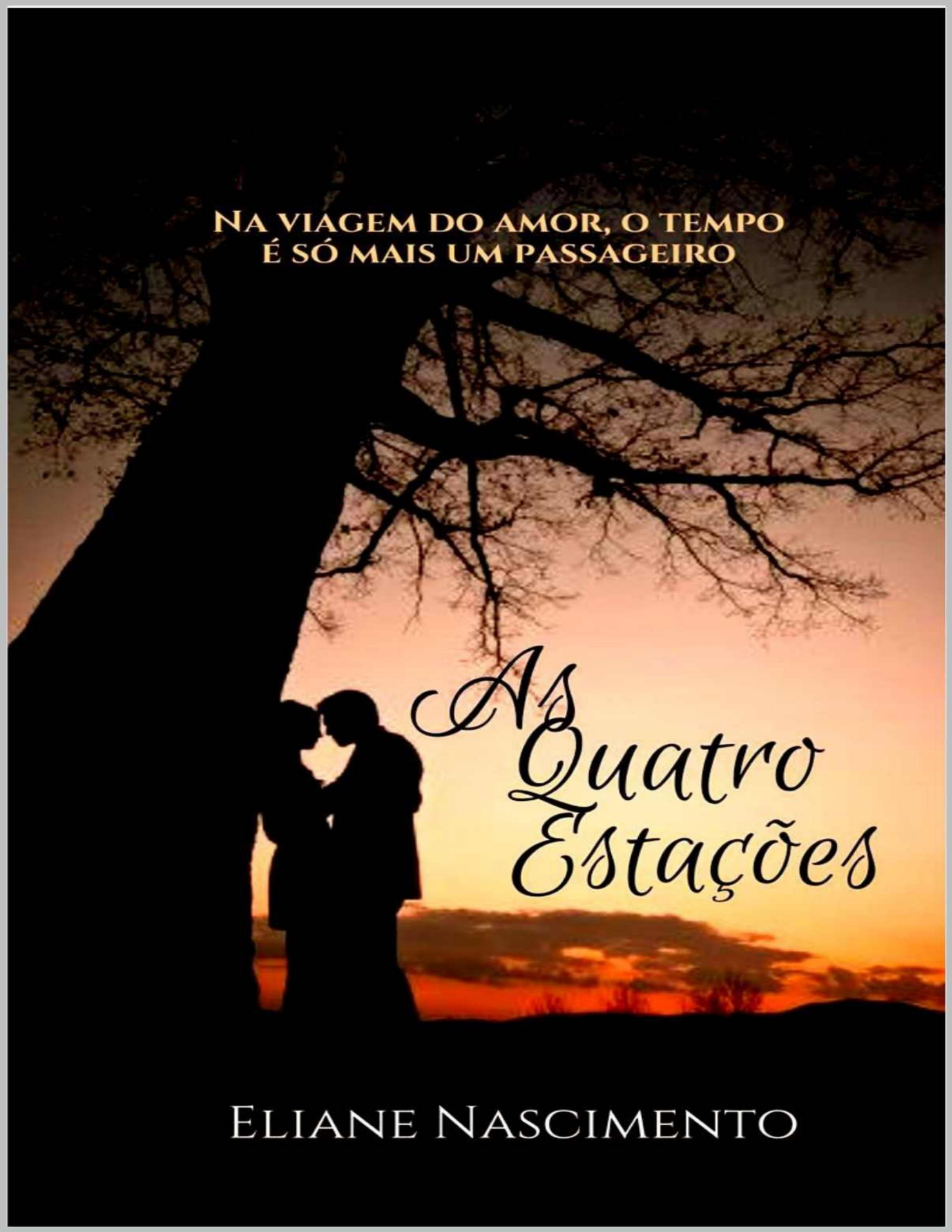




NA VIAGEM DO AMOR, O TEMPO
É SÓ MAIS UM PASSAGEIRO

*As
Quatro
Estações*

ELIANE NASCIMENTO



As Quatro Estações

Eliane Nascimento

Direitos autorais © 2020 Eliane Nascimento
Todos os direitos reservados

Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é coincidência e não é intencional por parte do autor.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em um sistema de recuperação, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão expressa por escrito da editora.

Design da capa por: Eliane Nascimento
Revisão textual por: Yasmin Nunes e Eliane Nascimento

Às minhas garotas PoP.
O tempo nunca mudará quem somos.

“As muitas águas não podem apagar este amor,
nem os rios afogá-lo; ainda que alguém desse
todos os bens de sua casa pelo amor,
certamente o desprezariam.”

Cânticos 8:7

Prólogo

Dez anos antes...

Eu nunca pensei que me apaixonaria no Ensino Médio de modo tão intenso a ponto de achar que seria para a vida toda. No entanto, estava quase me formando e simplesmente não conseguia imaginar minha vida sem o Rodrigo.

— Lis? — Ouvi a voz do meu amor me chamando. — Amor, você está aí?

— Estou aqui! — Gritei para que ele me achasse atrás da nossa árvore.

A primavera estava quase no fim e resolvemos fazer um piquenique no parque particular que tinha perto da nossa escola. As árvores ainda estão afloradas e a grama bem cuidada tem algumas pequenas flores espalhadas em alguns cantos. Eu amava esse lugar! Era um dos lugares mais bonitos que eu já tinha conhecido e o dono dele era maravilhoso.

Seu Antenor era tão incrível que tinha um parque particular. Fazia parte da sua propriedade, a mansão na qual vivia e mesmo assim o dividia com todo mundo que quisesse entrar, contanto que respeitasse o lugar e não fizesse nada contra a natureza.

Eu ia tanto ali que batizei a árvore que ficava escorada como minha e a compartilhei com o Digo no nosso primeiro mês de namoro, no outono do ano anterior. Lá acabou virando o nosso cantinho especial.

— Achei você! — Rodrigo apareceu ao meu lado e me puxou para um abraço apertado. Eu amava o cheiro do seu perfume. Uma mistura de cítrico com um amadeirado que me deixava zozinha. — Demorei muito?

— Não, meu bem. Eu estava pensando um pouco, aproveitei para colocar algumas ideias no lugar.

— Ah, é? — Ele perguntou enquanto pegava uns pães, bolo e biscoitos que tinha levado com ele e colocou em cima da toalha quadriculada que eu já tinha deixado forrada na grama. — E eu posso saber o que tanto

Elisa Fernandes pensa?

— É claro! — Virei-me para ele e o ajudei a colocar a garrafa de suco de laranja sobre a toalha. — Eu pensava no Rodrigo Castilho, um moreno lindo de olhos incrivelmente brilhantes como diamantes marrons que não saem da minha cabeça!

Ele me ofereceu o sorriso mais lindo que já tinha visto em todos os 18 anos de vida.

Talvez seja estranho dizer que conheci o amor da minha vida aos 16 anos de idade e era com ele que pretendia viver o resto dela, mas eu não tinha medo de falar que estava realmente, completamente e irrevogavelmente apaixonada por Rodrigo Castilho. Eu já ouvi dizer que o amor não tem idade ou explicação e aprendi por mim mesma que isso era uma tremenda verdade porque eu sentia dentro de mim que nunca mais seria capaz de amar qualquer outra pessoa que não fosse ele.

Rodrigo me ensinou o que é o amor me fazendo senti-lo da melhor maneira possível. Ensinou-me que o amor não é um sentimento, mas uma Pessoa que cuida de nós de uma forma que nunca entenderemos, assim como nunca será o suficiente dizer o quanto somos gratos. Ele me ensinou que, independente dos obstáculos, o amor pode enfrentar qualquer coisa só pelo fato de estar com quem se ama e é assim que eu sinto.

Eu tinha o grande sonho de cursar Agronomia e me especializar em paisagismo, já tinha sido aceita com bolsa na melhor faculdade da cidade, só que ela ficava na capital e eu teria que me mudar para lá. Rodrigo tinha o sonho de fazer Arquitetura e também ganhou bolsa para a faculdade, tanto para a da nossa cidade natal quanto para a da capital e ele disse que iria comigo. Estamos só esperando passar a primavera para nos casarmos no verão e morarmos juntos na capital. Tudo isso será um sonho a se tornar realidade.

— Eu te amo, Lis. Amo tanto que nem sei. — Rodrigo segurou a minha nuca e encostou sua testa na minha. — Promete para mim que o que temos nunca vai acabar mesmo depois do casamento? Eu te pedi para Deus e Ele me atendeu.

— Eu prometo, meu amor. Eu prometo.

Selamos a nossa promessa com um beijo apaixonado. Um beijo que demonstrava todos os senti-mentos envolvidos entre nós dois. Todo o amor, o carinho, a cumplicidade e o desejo de que tudo aquilo fosse eterno.

Mas não foi.

Infelizmente naquele momento não levamos em consideração que o "para sempre" sempre pode acabar. E o nosso "para sempre" durou apenas aquele verão.

Talvez Deus não cuidasse tanto assim de mim, afinal. A promessa acabou se tornando vazia...

Primeira parte

Verão

*“Se um dia no verão, quando lhe viu, sentiu que pela estação, o céu ficaria cheio de estrelas,
lembrou-se do sol de outrora, quando o vento frio do inverno o deixava solitário pelas noites insones.”*

Alessandro Lo-Bianco

I

Nunca pensei que pisaria nessa cidade de novo. Ainda mais em pleno verão como era da vez que sai daqui.

Quando eu resolvi deixar tudo para trás há dez anos, imaginei que seria para sempre. Apesar de que eu aprendi da pior forma possível que o "para sempre" sempre pode acabar...

Controle-se Elisa!, repreendo a mim mesma em pensamento.

É só pisar nessa maldita cidade que meu cérebro resolve se lembrar de coisas desagradáveis do passado.

Sigo meu caminho até o lugar que costumava ser o meu lugar favorito no mundo até a adolescência quando foi estragado como tudo aquilo que um dia cheguei a sonhar. E tudo por causa *dele*.

Chega, Elisa!

Tento focar todos os meus pensamentos para o único objetivo que me trouxe de volta a essa cidade ridícula, afinal, sou uma mulher adulta de 28 anos que tem uma cabeça completamente diferente da Elisa adolescente!

Chego ao meu objetivo e, por alguns segundos minhas pernas querem me trair e fraquejam, mas não, Elisa Fernandes não fraqueja! Pelo menos não mais.

Entro no parque que eu costumava amar e sigo em direção à mansão onde o advogado do seu Antenor me espera.

Eu ainda não acredito que ele morreu, não acredito que aquele senhor que eu aprendi a amar como meu próprio avô tenha morrido tão de repente. Ele sempre me pareceu tão forte e saudável apesar de ter mais de 70 anos. E um infarto o levou.

Chego à mansão rapidamente, conheço o lugar como a palma da minha mão. Eu sempre ia até o seu Antenor para lhe fazer companhia ou ajudar a cuidar do jardim e do parque. Sabia que ele se sentia muito sozinho depois da morte da esposa e quando a única filha do casal também faleceu, achei que ele não suportaria, mas ele sempre me surpreendia e dizia que Deus sabia de todas as coisas e tudo era dEle, então, Ele tinha o direito de pegar de volta assim como aconteceria com ele um dia. E aconteceu.

Seu Antenor era mais próximo à mim do que meu próprio pai. Eu vivia mais aqui do que na minha própria casa porque sempre era muito bem-

vinda. Eu fazia com-panhia para ele e ele para mim, às vezes só sentávamos em cadeiras confortáveis para ficar admirando o jardim. Seu Antenor sempre disse que eu lembrava muito a sua filha quando ela tinha a minha idade e eu sei que o carinho que ele sentia por mim era completamente verdadeiro. E recíproco.

O problema é que eu já não gosto tanto assim de estar aqui. O lugar que costumava ser como o paraíso para mim, acabou se transformando um inferno por causa de uma única pessoa.

Afasto esses pensamentos novamente e toco a campainha da mansão. O mordomo, Sérgio, abre a porta e me saúda com alegria. Senti falta desse cinquentão careca e sorridente que sempre me tratou com gentileza. Dez anos se passaram e seus olhos continuam gentis, os poucos cabelos que ele tem na lateral da cabeça estão grisalhos agora e ele tem marcas de riso profundas, assim como as ruguinhas nos olhos.

— Elisa! Há quanto tempo! Sinto muito que seja nessas circunstâncias, mas estou muito feliz em revê-la — Sérgio me abraça e eu retribuo de forma rápida, sempre gostei dele, mas não sou mais tão fã de contato físico assim, na verdade, não fã de nada seja afetuoso.

— É bom te ver também, Sérgio. Lamento muito a morte do seu Antenor.

— Todos nós lamentamos. — O careca solta um suspiro profundo. — Venha, vou te levar até o senhor Hermano, ele está esperando por você.

Sérgio me leva até o lugar que reconheci como a antiga biblioteca do seu Antenor. Na cadeira onde ele costumava ficar, junto da mesa de madeira maciça que ainda tem alguns livros que eu reconheço espalhados, vejo um homem de terno e gravata, uma barba rala e com uns 30 anos no máximo. *Lindo. Sexy.* São as palavras que ecoam na minha cabeça assim que ele me olha nos olhos.

— Bom dia! — Ele cumprimenta com um sorriso de perder o fôlego. — Você deve ser a senhorita Elisa Fernandes, eu presumo.

— Presumi certo — falo, já me sentando na cadeira disposta em frente à mesa, bem na direção em que o bonitão está. E esse sotaque latino? Eu defini-tivamente preciso experimentar um latino. — E você deve ser o advogado, estou certa? — Faço charme e lhe dou o meu melhor sorriso lascivo.

— Corretamente — ele sorri de volta. Se continuar assim, não serei capaz de me conter. — Hermano Gonzalez, ao seu dispor. — Ele deixa o

sotaque mais aparente.

— Hum, latino... — Digo mais para mim mesma.

Meus olhos o percorrem sem vergonha, minha visão se delicia até onde a mesa me permite olhar. Seus ombros largos, peitoral — que dá a impressão de ser tão firme e maciço quanto a mesa que nos separa — e os olhos castanhos escuros transmitem toda a confiança que eu já notava em sua postura. Que homem!

Ele não parece se importar com a minha "inspeção". Muito pelo contrário, parece que também me olha com a mesma intensidade.

Até que uma tosse forçada nos interrompe.

— Vai precisar de alguma coisa, senhor? — Sérgio pergunta ao latino.

— Não, Sérgio. Obrigado.

— Elisa?

— Ah, não. Eu estou bem, Sérgio. Obrigada.

Ele assente e sai me deixando à sós com o gatão latino. Eu quero esse homem!

II

— Então, senhorita Elisa, vamos falar do que a traz aqui.

— Por favor, eu dispenso a formalidade — sorrio abertamente para o homem que será meu mais novo brinquedo em breve.

— Ótimo — ele concorda com um sorriso safado. Meu preferido até agora, só para deixar bem claro. O latino se ajeita em seu lugar e toma postura de advogado antes de continuar: — Elisa, Antenor faleceu e não tinha ninguém próximo, como uma família ou amigo de verdade. Portanto, alguns anos antes de morrer, ele deixou um novo testamento comigo. Eu era um advo-gado recentemente licenciado, mas ele não se importou com isso e deixou tudo em minhas mãos e agora, depois da sua morte, o seu desejo era que você recebesse tudo que lhe pertencia.

Comecei a divagar com coisas que poderia fazer com ele assim que começou a falar, mas essas últimas palavras chamam a minha atenção.

— Espera aí. *O quê?* — Pergunto espantada. Acho que não entendi direito.

— Exatamente o que eu falei. Antenor Soares de Moraes deixou toda a sua fortuna e propriedades no nome de Elisa Duarte Fernandes.

— Não, deve haver algum engano! — Minha cabeça gira em um ângulo de 360 graus! — Eu sei que nós éramos próximos e tudo o mais, mas ao ponto dele me deixar tudo de herança? Eu não o via há dez anos! Deve ter alguma coisa errada.

— Elisa, Antenor me entregou esse testamento há cinco anos. Ele disse que esperava que você voltasse e pretendia te presentear com o parque particular. Quando ele percebeu que você não voltou três anos antes e a prefeitura tentou comprar de novo o parque dele, ele afirmou que o mesmo seria seu e que você resolveria o que fazer.

Eu não sabia que Antenor estava esperando que eu voltasse. É claro que continuamos nos falando vez ou outra, principalmente nas datas comemorativas, mas ele nunca mencionou nada disso. Muito menos sobre eu ser a sua herdeira mesmo sem ter seu sangue.

O que ele tinha na cabeça? Ele sabia muito bem o que o parque tinha se transformado para mim. Ele era o único que sabia! Foi para ele que eu corri e chorei quando o desgraçado do Rodrigo partiu meu coração em mil

pedaços. Eu não posso ficar aqui. Não posso ter nada disso.

— Você disse que a prefeitura estava tentando comprar o parque? — Pergunto ao Hermano, já com uma ideia formada na cabeça.

— Sim, o prefeito tenta comprá-lo há anos para tornar oficialmente público, mas Antenor nunca vendeu, ele dizia que aquele parque já tinha dona.

— Bom, eu não sei qual a piada que o Antenor quis fazer com isso, mas ele sabia muito bem que eu não poderia aceitar esse parque, então, pode vender para a prefeitura.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Tudo bem, então. Amanhã mesmo eu marco uma reunião com o prefeito e você negocia a venda. Vamos falar das outras propriedades e o valor da fortuna? — Hermano está no modo profissional ainda e eu não gostei disso. Quero os sorrisos safados de volta.

— Imagino que seja muita coisa que tenhamos que discutir. Talvez fosse melhor se jantássemos hoje para conversarmos, que tal? — Sorrio maliciosamente. Um daqueles sorrisos volta ao seu rosto. *Bingo!*

— Eu não tenho objeção alguma contra isso. Já pensou em algum lugar?

— Talvez na sua casa, já que a minha fica a quilômetros daqui. — Hermano dá uma risada muito gostosa e obtenho a confirmação que queria: Esse homem já é meu!

Depois de uma noite extremamente deliciosa com o advogado latino, o mesmo sai cedo, deixando-me na mansão do seu Antenor, que agora é minha. Resolvemos ficar por aqui mesmo e aproveitar o “jantar”. Logo cedo pela manhã, ele já disse que ia marcar um jantar com o prefeito ainda essa noite, aqui mesmo na mansão.

Eficiente como ele é, ligou ainda há pouco para o Sérgio e deixou as instruções para o jantar de hoje à noite e eu só devia me preocupar em aparecer e assinar o contrato se estivesse de acordo. Claro que eu assinaria imediatamente, independente do valor. Eu já estava com dinheiro demais e não suportaria ficar mais tempo perto daquele maldito parque. Ele não faz nada bem para a minha sanidade mental. E sentimental também.

A única coisa que eu quero é assinar logo esses papéis e ir embora dessa cidade outra vez. Já decidi que vou deixar a mansão nas mãos do Sérgio, sei que ele tem esse lugar como um lar e ninguém melhor do que ele para cuidar. Eu só quero não precisar pisar aqui nunca mais. Apesar de respeitar o lugar que Antenor chamou de lar por toda uma vida, não suporto a ideia de enfrentar todas as lembranças que essas paredes me oferecem.

Já estava quase terminando de me arrumar quando ouço o barulho da campainha. Escolhi para a ocasião um lindo e longo vestido verde-musgo para combinar com os meus olhos. Prendi meus cabelos castanhos em um coque alto e estava finalizando com o batom vinho.

Alguém bateu na porta com delicadeza e posso apostar que é o latino me chamando para o jantar.

— Você está deslumbrante, *cariño* — ele elogia depois de entrar no quarto. Não suporto esses apelidos carinhosos, não importa o quanto seja sexy ouvi-lo falar em espanhol.

— Já está tudo pronto lá embaixo? Estou pronta para descer.

— Está sim. Vim justamente te acompanhar — ele se aproxima para me beijar e eu me afasto.

— Ótimo, então vamos! — Passo meu braço pelo seu cotovelo e nos guio até a porta. — E tenha em mente que a noite passada não significou nada. Foi só sexo. A única coisa que eu quero de qualquer um ou qualquer coisa dessa cidade, é distância.

Ele tenta dizer alguma coisa, mas eu o calo e descemos as escadas para a sala de jantar. Entretanto, antes mesmo de chegar ao local planejado, sinto minhas pernas cederem e, se não fosse pelo Hermano ao meu lado, com certeza estaria no chão agora.

O que diabos o Rodrigo está fazendo na mansão?

Segunda parte:

Outono

*"Brisa de outono como flechas de sombras
Os pássaros voltam."*

Jorge Lescano

III

— O que você está fazendo aqui? — Grito assim que recupero o equilíbrio.

— Lis, eu-

— Vai embora agora! — Eu não posso suportar que ele me chame assim de novo com tanta naturalidade. A raiva me consome por inteira.

— Elisa, ele é o prefeito! — Explica Hermano parecendo bem confuso com a situação.

Como é? Rodrigo Castilho se tornou o prefeito dessa cidade mequetrefe?

Uma gargalhada escapa da minha garganta. Acho que é por isso que ele me dispensou tão de repente. Ele mesmo sabia que eu merecia muito mais!

— Bom, se você é o prefeito então pode rasgar o contrato. Você não vai ter nada do que é meu! — Volto para as escadas e subo o mais rápido que o salto e o tecido longo e justo permitem.

Entro no quarto que era da Judite, a filha do Antenor e fecho a porta com força. De jeito nenhum vou fazer qualquer negócio que seja com o Rodrigo, prefiro doar o parque para um mendigo!

Ouçó as batidas delicadas na porta novamente. Estou jogada na poltrona ao lado da cama e só quero que esse pesadelo acabe logo.

— Hermano, vá embora. Não estou a fim essa noite. — Grito sem nem olhar para a porta.

O ranger da porta se abrindo, porém, faz com que eu vire a cabeça o suficiente para gritar com esse latino safado e mandá-lo ir pastar de uma vez por todas.

O grande problema é que o moreno que entrou não é o Hermano.

— Lis, por favor, vamos conversar. — Rodrigo pede com a maior cara de pau do mundo.

— Vai embora daqui agora ou eu chamo a polícia! — Grito com o meu coração saltando dentro de mim. E eu tenho certeza de que isso é somente por toda a raiva e mágoa que eu guardo desse homem que está ainda mais lindo do que eu me lembrava, e não porque seus olhos parecem ter o mesmo brilho de antes enquanto ele me olha tão fixamente.

— Lis, eu só quero conversar.

— Pare de me chamar assim!

— Elisa, por favor, escuta o que eu tenho para te dizer e eu prometo que vou embora.

A primeira coisa que eu penso é em pegar o telefone e ligar para a polícia, mas ele é o prefeito dessa maldita cidade, afinal! Do que isso adiantaria? Respiro fundo e controlo toda a vontade que eu estou sentindo de esbofeteá-lo e me endireito na poltrona.

— Você tem cinco minutos.

— Obrigado. — Ele sorri vitorioso e pega a cadeira que deixo na penteadeira para se sentar em frente a mim. Ele está perto demais. — Por favor, reconsidere sobre vender o parque.

Então é isso? Depois de todos esses anos, a única coisa que o interessa é esse maldito parque?

— Eu não vou vender nada para você! — Cuspo as palavras com toda a raiva que consigo, tentando ignorar completamente qualquer pontada de decepção que possa ter aparecido por ele não querer conversar sobre nós dois. Aliás, não existe “nós dois”.

— Não é para mim. É para a prefeitura. Venda o parque para a cidade. Você sabe que todo mundo sempre sonhou que aquele parque fosse completamente público. Inclusive você. — Ele acrescenta a última parte com um brilho diferente no olhar. *Desgraçado*.

— Saia da prefeitura que eu vendo para ela — provoco-o.

— É sério? — Ele pergunta incrédulo. — Você só não vai mesmo vender porque eu estou envolvido? — Assinto, e dessa vez a vitoriosa sou eu. — Por que isso?

— E você ainda pergunta? Eu não quero nada que esteja envolvido com você! — Respondo com a voz alterada.

— Lis, por favo-

— NÃO ME CHAME ASSIM! — Grito, descontrolada. Estou cansada de gritar! — Você matou a Lis de dez anos atrás. Ela já não existe mais. Agora saia daqui!

Viro o rosto para que ele não veja os meus olhos marejados. Eu sei que ele não se levanta imediatamente, ouço o som do seu suspiro antes de ele se levantar e colocar a cadeira de volta no lugar.

O ranger da porta anuncia que ela está sendo aberta e eu fico na expectativa dela se fechar por completo para enfim poder chorar à vontade.

— Só para você saber — Rodrigo diz ainda da porta. — Minha Lis

nunca morreu para mim. Ela continuar viva e ainda é a dona do meu coração.

A porta se fecha e eu jogo a primeira coisa que toco nela. Era um abajur que cai no chão em vários cacos minúsculos, incontáveis, exatamente como está o meu coração.

Eu não aguentei ficar um minuto a mais sequer naquela cidade. Falei apenas com o Sérgio sobre ele cuidar da mansão como se fosse a casa dele e peguei o primeiro avião disponível.

Eu sou paisagista como sempre sonhei e tenho uma empresa junto com a minha amiga Luciana, ela é decoradora de interiores e oferecemos o trabalho completo para uma casa. Luci sabe de toda a história com o Rodrigo e ficou completamente chocada quando contei sobre a herança e sobre ele ser o prefeito.

— Amiga eu não acredito que fugiu desse jeito! — Ela reclama no meu escritório, ele é em frente ao seu.

— Eu não fugi de lugar algum. E vamos esquecer isso, por favor? Já faz três meses que eu tento fingir que isso nunca aconteceu.

— Porque está fugindo! Deus uniu vocês outra vez com algum propósito, nunca acreditei nesse término sem explicação do Rodrigo.

Luciana é cristã e não acredita em acasos, só no mover de Deus. Não que eu seja atea nem nada, só prefiro viver a minha realidade a acreditar que Ele se preocuparia com coisas mínimas como nossas vidas amorosas, afinal, Rodrigo sempre foi temente a Deus, do tipo certinho que até esperava o casamento para fazermos amor, mas ele fez o que fez, não é mesmo? Sua fé não o livrou da cafajestagem.

— Luci, por favor, vamos parar de falar disso? Minha vida não é uma novela, pelo amor de Deus!

Estamos quase no mês de Abril e desde tudo aconteceu, no começo de Janeiro, Luciana insiste em voltar no assunto. Nas primeiras semanas eu recebi algumas ligações do Hermano, ele até se ofereceu para vir até aqui, mas eu já tinha enjoado dele e já resolvemos tudo que tinha ficado pendente. Quer dizer, tirando a parte do parque, já que Rodrigo insistia em querer comprar e enchia Hermano de recados para serem passados para mim. E todos foram ignorados com sucesso.

O outono chegou e a única coisa que eu quero fazer é esquecer sobre

o verão passado. Eu tenho péssimas recordações sobre verões...

— Eu ainda acho que você devia vender o parque para ele. Afinal, é para a cidade toda, não é? Por que deixar um problema pessoal atrapalhar isso?

Eu sei que ela tem razão, mas só de pensar na possibilidade de deixar o Rodrigo vencer nessa me sobe um ódio descontrolado!

— Senhorita Elisa? — Minha secretária aparece na porta de repente. — Tem um homem querendo vê-la e insiste que é urgente.

— Quem é, Penélope?

— Ele disse que se chama Rodrigo Castilho e a senhorita sabe quem é

— Luciana começa a bater pal-mas enquanto meu coração bate descontroladamente.

— Pode dizer a ele que eu morri! — Grito para Penélope, que arregala os olhos para mim.

— Você está viva e perfeitamente bem, Lis. — Rodrigo diz bem atrás da Penélope, assustando a nos três. Ele tem um sorriso no rosto. Um maldito e lindo sorriso.

IV

— Será que eu vou precisar ter uma restrição judicial? — Cruzo os braços sobre o peito.

— Eu só quero conversar com você, Lis. E como seu advogado parece não conseguir isso para mim, resolvi tentar pessoalmente.

Penélope ia dizer alguma coisa, mas Luciana se aproxima dela e a arrasta para fora da sala, deixando-me sozinha com o Rodrigo.

Traidora.

— Como você sabe onde eu trabalho? — Pergun-to mantendo minha pose. Rodrigo fecha a porta e se aproxima um pouco mais de mim.

— Eu sempre soube. Sempre acompanhei cada passo seu desde que saiu da nossa cidade.

— Devo me preocupar com você sendo um *stalker*, então? — Arqueio uma sobrancelha. Minha fala está carregada de sarcasmo, mas meus pulsos estão acelerados como o diabo ao fugir da cruz.

— É claro que não. Eu só fiz isso porque queria saber se estava bem. Sempre me preocupei com você e isso nunca vai mudar, Lis. — Rodrigo está próximo de-mais agora.

— Não me chame assim, eu já disse! — Descruzo os braços e vou para trás da minha mesa. Eu preciso de distância. — O que quer de mim, afinal? — Pergunto por impulso. — Ah, o parque, é verdade...

— O parque é para a cidade, você sabe disso. — Rodrigo chega mais perto de mim contornando a minha mesa. Eu já estou ficando claustrofóbica. — De você eu quero o que sempre quis.

— O quê? — Sussurro.

— Você, meu amor. — Ele já está tão próximo que nossas respirações sé embolam. — Eu sempre quis levar você para o altar e fazer de nós um só, como manda a vontade de Deus. Eu quero você para sempre.

E bastam essas palavras para que me fizessem acordar para a realidade.

— Engraçado — começo a dizer e me afastar dele ao mesmo tempo —, foi você que deixou bem claro que o "para sempre" sempre acaba. — Caminho até a porta e a abro. — Saia do meu escritório e não volte mais aqui. Suma da minha vida, como você deixou claro que queria fazer há dez anos.

— Lis, eu-

— NÃO ME CHAME ASSIM! — Falo mais alto do que gostaria. — Por favor, saia.

— Um dia você vai me deixar explicar o porquê de eu ter feito o que fiz e eu não vou desistir de nós até esse dia chegar. Eu ainda acho que você é o pedido que sempre fiz a Deus. — Depois dessas palavras, Rodrigo sai da minha sala e mais uma vez me pego chorando descontroladamente por causa dele.

Já estamos no final de Julho e parece que ainda sinto o seu cheiro do Rodrigo por toda parte no meu escritório. Ele ainda usa o mesmo perfume cítrico e amadeirado de quando éramos adolescentes. Fui eu que dei esse perfume para ele e sempre fiz questão de deixar claro o quanto adorava o seu cheiro. E esse miserável ainda consegue me desarmar com isso.

Ele esteve tão próximo de mim quando esteve aqui que eu quase cedi. Quase.

Eu sempre quis levar você para o altar e fazer de nós um só como manda a vontade de Deus. Eu quero você para sempre.

Essas palavras não saem da minha cabeça. Como ele tem a coragem de me dizer coisas assim quando ele me deixou do jeito mais cruel possível? Nós tínhamos planos e ele simplesmente recuou e me deixou!

— Desgraçado! — Grito ao jogar a taça em que eu bebia um vinho na parede. Por pouco não acerta Luciana que estava abrindo a porta na mesma hora.

— Será que eu devo voltar em outro momento? — Ela pergunta com a testa franzida.

— Não Luci, entre. Desculpe por isso, só estou um pouco estressada.

Luciana entra e se senta em uma das cadeiras que ficam em frente a minha mesa. Ligo rapidamente para Penélope pedindo para que alguém da limpeza venha retirar uns cacos da minha sala.

— Estou preocupada com você. — Luciana diz de repente.

Seus olhos realmente demonstram muita preocu-pação.

— Ah, vamos lá! Já se esqueceu de que não precisa se preocupar com Elisa Fernandes? Eu te ensinei isso há muito tempo.

— É, me "ensinar" não foi bem a palavra. Acho que foi mais sobre

"demonstrar". — Luci dá uma gargalhada como só ela sabe e minha mente vagueia para os primeiros anos em que eu passei aqui na capital.

Luci já me viu esbofetear um professor porque ele tentou abusar da sua autoridade comigo, no entanto, eu já tinha feito a promessa de que nunca mais nenhum homem brincaria comigo de novo. De nenhuma forma.

Conheci Luci ainda no primeiro ano, por causa da faculdade. Fazíamos o mesmo curso, só seguimos por especializações diferentes, acabamos alugando a mesma quitinete e moramos juntas desde então porque mesmo depois de termos condições de alugar uma casa maior, resolvemos continuar com a nossa parceria que flui tão bem. Aprendemos a ser família.

Às vezes eu me esqueço de que ela me conhece tão bem que sempre sabe exatamente o que eu estou sentindo.

— Eu estou bem, Luci. Só estou estressada e-

— Eu já vi você estressada, Elisa. Eu não sou idiota e sei muito bem porque você está assim. Você está igual daquela vez.

— O quê? Não sei do que você está falando. Se me der licença, tenho alguns documentos para preencher. — Tento me esquivar dessa conversa imediata-mente.

— Eu te dou licença agora, mas saiba que vou continuar me preocupando porque eu amo você. Sei muito bem quem é a verdadeira Elisa por trás desse muro que você criou em volta de si. Tenha a certeza de que não vou desistir de você e vou fazer de tudo para que eu nunca mais te veja como vi há dez anos. — Luciana se levanta e sai apressada.

Eu conheço a minha amiga e sei que ela está chorando. E por minha causa.

Droga, Rodrigo! Por que você tinha que reapa-recer na minha vida desse jeito?

Terceira parte:

Inverno

*"E no meio de um inverno eu finalmente
aprendi que havia dentro de mim
um verão invencível."*

Albert Camus

V

Luciana

Só de pensar que Elisa está fingindo estar bem há meses já acaba comigo. Conheço minha amiga há dez anos e eu sei muito bem quando ela está bem ou não. E ela não está. Cansei de ficar a vendo amuada pelos cantos, tanto no trabalho quanto em casa. Por mais que ela diga que está tudo bem, eu vejo em seus olhos que não está.

Resolvi passar minhas férias agora para o mês de Julho e tentar entender toda essa história. Talvez não seja da minha conta e eu esteja fazendo uma grande besteira, mas eu tenho a Elisa como uma irmã e dentro de mim me sinto na obrigação de cuidar dela.

Elisa chegou à capital há dez anos e eu a conheci poucos dias depois da sua chegada. Eu a encontrei na faculdade com os olhos vermelhos e inchados de tanto chorar e meu coração se feriu imediatamente. Eu tentei ajudá-la de todas as formas, mas ela sempre se esquivava de mim quando eu chegava perto. Até que um dia ela gritou comigo, mandou-me deixá-la em paz e disse que só queria um novo lar e uma nova vida. Foi então que eu a surpreendi dizendo que a queria como colega de quarto em uma quitinete que já estava de olho. Eu menti, é claro, mas isso não me impediu de chegar à casa dos meus pais e começar a procurar quitinetes que estavam á venda. Eu realmente pensava em sair da casa dos meus pais, era muito longe da faculdade, só precisava de um incentivo para isso. Bom, esse foi um e tanto e Deus foi tão bom que me fez procurar no lugar certo!

Depois de alugarmos a pequena casinha, não demorou muito e acabamos criando um laço de ami-zade, ela sentiu confiança para me contar tudo que tinha acontecido. Eu sei que eu não conhecia o Rodrigo e na verdade ainda não o conheço, mas alguma coisa me dizia que tinha algo errado na forma como ele terminou com ela.

Como alguém estaria planejando o casamento, uma vida juntos e tantas promessas de amor sendo feitas para depois o cara dizer que é melhor ela ir embora sem ele porque ele não podia ir e não a amava o suficiente para pedi-la para ficar com ele? Por que ele pediria para que ela ficasse se sabia do sonho dela, afinal? Elisa sempre me pareceu o tipo de pessoa decidida que

corre atrás dos seus sonhos. Alguma coisa, talvez a mesma da outra vez, dizia-me que Rodrigo teve um motivo forte que o fez ficar e ele não queria que Elisa desistisse do sonho dela por ele. Posso estar sendo ingênua, mas eu tenho certeza de que não vi uma má pessoa no Rodrigo quando o vi, mesmo que rapidamente.

E é por esse motivo que eu estou aqui, na sala de espera da prefeitura da cidade natal da Elisa, exata-mente para tirar toda essa história a limpo.

— Senhorita Luciana? — A recepcionista sim-pática que me atendeu alguns minutos mais cedo e me pediu para esperar me chama. — O senhor prefeito disse que pode atendê-la agora.

Eu me levanto da cadeira que estava esperando, coloco minha bolsa sobre o ombro e entro na sala que ela me indicou ser o escritório do Rodrigo.

— Bom dia, senhor prefeito — saúdo Rodrigo, que me olha com curiosidade.

— Bom dia, Luciana. Aconteceu alguma coisa com a Elisa? Por favo-

— Não, não aconteceu nada — apresso-me em dizer, vendo sua preocupação genuína.

Esse homem ama a minha amiga, disso eu tenho certeza. Ninguém é tão bom ator a ponto de fazer seus olhos atuarem. Sento-me na cadeira em frente sua mesa enquanto o alívio toma conta do seu rosto e me preparo para começar o discurso que ensaiei durante o caminho.

— Na verdade, aconteceu sim. — Rodrigo faz menção de se manifestar de alguma forma, mas o paro com a minha mão, como um pedido para que eu continue. — Eu vim aqui exatamente porque eu conheço a Elisa há anos e sei quando ela não está bem. Eu só quero entender tudo isso. Preciso saber se devo te ajudar a se entender com ela, porque eu sinto que você a ama. Ou se você não está disposto a acertar tudo isso e preciso ajudá-la a te esquecer. Eu estou confusa, Rodrigo, então, por favor, ajude-me a entender.

Durante alguns segundos, Rodrigo apenas me olha com uma expressão que varia um pouco entre divertida e pensativa. Até que ele dá uma gargalhada e se ajeita na cadeira de modo que debruça os cotovelos sobre a mesa.

— Luciana, você não tem noção do quanto eu pedi para Deus que você fosse uma boa pessoa e amasse a Elisa de verdade. E agora você está aqui demonstrando para mim que minhas orações foram atendidas com muito sucesso. — Fico um pouco confusa com o que ele disse, mas resolvo não

interromper. — Eu amo a Elisa desde que entendi o significava de amar. Desde que a conheço, eu sonho com o dia em que a levarei para o altar e a chamarei de minha esposa com a bênção de Deus. Durante todos esses anos, meu coração ansiava por revê-la e eu tenho me preparado há dez anos para reconquistá-la. Ela não tem facilitado muito isso, é verdade, entretanto, eu venho orando por ela há 10 anos e não é agora que vou desistir.

— Então você realmente a ama, certo? — Pergunto apenas para deixar tudo claro.

— Com todo o meu coração — ele responde com naturalidade.

— E por que a deixou ir? Por que você terminou com ela quando tinham planos para se casarem?

— Porque eu precisava ficar aqui e ela precisava ir. Eu estava disposto a ir com ela, mas algo inesperado me fez ficar e eu sabia que se contasse para a Lis, ela ia querer ficar também e não ir atrás do seu sonho, então, eu preferi terminar tudo com ela na esperança de nos reencontrarmos e eu contar tudo. Eu só não esperava que se passasse tanto tempo ou que ela estivesse tão cética e diferente.

— Você partiu o coração dela, o que esperava? Elisa nunca mais foi a mesma depois que chorou um mês inteiro por você. O que era tão inadiável que te fez ficar, afinal?

— Um problema de família — ele diz simplesmente. E acho que diria só isso se eu não cruzasse os braços e o incitasse com os olhos a falar mais. Rodrigo passa uma mão pelos cabelos e suspira de forma pesada. — Meu pai foi diagnosticado com Esclerose Múltipla depois de ter sido levado ao hospital por uma perna "falhar" no trabalho. Ele era Mestre de obras e descobriu naquele dia que não poderia mais trabalhar porque a doença já existia, mas ele escondia os pequenos sintomas, então, estava avançando rápido. Assim que eu soube disso, soube também que seria o responsável por sustentar a minha família. Fiz faculdade à noite, trabalhei de dia e cuidei do meu pai nas horas vagas.

— Meu Deus! — Exclamo já em lágrimas.

— Poucos anos depois ele já não andava mais e precisava de tratamentos sérios e caros. Eu tive que largar a faculdade para trabalhar ainda mais em bicos nas lojas pela cidade. Apenas com 23 anos recebi a proposta para entrar na política e eu vi que ajudaria muito meu pai, então o fiz. Com isso tudo, não consegui ir atrás da Lis, mas Deus a trouxe até mim agora e não estou disposto a perdê-la outra vez.

— Mas ela tem o trabalho dela e você o seu aqui. Pretende tirá-la da capital? — Pergunto porque sei o quanto Elisa ama o trabalho. E eu também amo tê-la por perto, confesso.

— Claro que não. Durante todos esses anos eu procurei saber dela e sei o quanto ela é apaixonada pelo que faz e fico feliz com o que ela conquistou. Esse é meu último ano de mandato e não vou mais me eleger a nada. Terminei minha faculdade quando meu pai faleceu, há três anos, e agora pretendo focar no meu segundo maior sonho: a arquitetura. E eu posso levar minha mãe comigo agora, é a única família que me resta.

— Sinto muito pelo seu Pai, que Deus o conforte.

— Ele já faz isso, obrigado.

— Desculpe, você disse o segundo maior sonho? — Pergunto curiosa. Rodrigo sorri com alegria.

— O primeiro é e sempre será me casar com a Elisa. Ela é a mulher da minha vida.

Essas palavras confortam o meu coração. Eu posso sentir o quanto esse homem ama a minha amiga.

— Desculpe, senhor prefeito! — A recepcionista simpática, Estefani, adentra a sala em desespero. — Acabam de ligar da igreja do pastor Celso. Sua mãe foi levada para o hospital.

Rodrigo se levanta apressado e segue para fora da sala. Eu não pergunto se posso ir junto, simplesmente o sigo.

Chegamos ao hospital apressados e tudo acontece muito rápido. Achamos o médico que cuidou da mãe dele e este diz que, infelizmente chegamos tarde demais. A mãe do Rodrigo faleceu alguns minutos atrás logo após ter feito sua oração semanal. Rodrigo se apoia na parede e deixa as lágrimas saírem com liberdade, eu apenas o abraço e tento confortá-lo. Não consigo nem imaginar o que ele está sentindo nesse momento.

VI

Eu não sei por que ainda dou ouvidos à Luciana. Ela é uma cabeça de vento e coração de manteiga, mas eu faria tudo por aquela mulher.

Luci me ligou há umas duas horas pedindo que eu viesse urgentemente para a minha cidade natal porque ela precisava de mim aqui. Eu nem sei o que ela veio fazer nesse fim de mundo, mas cá estou eu, no táxi que está me levando direto para o hospital público da cidade.

O que será que ela aprontou? Estou com os nervos à flor de pele! Essa maluca me liga e apenas diz: "*por favor, vem me buscar, estou no hospital público da sua cidade*". Ela joga uma bomba dessa em cima de mim e simplesmente desliga. É claro que eu larguei tudo e corri para cá!

O taxista fez o favor de ir o mais rápido que conseguiu e eu não demorei muito para chegar ao hospital. Dei o nome da Luci na recepção e a tonta atrás do computador está me irritando dizendo que nenhuma Luciana de Castro Menezes deu entrada aqui.

— Como assim não deu entrada? Ela pediu para que eu a buscasse aqui! Você pode conferir mais uma vez? — A mulher já me olha com cara de poucos amigos, mas não estou me importando com isso. Eu só quero saber da doida da Luciana que não atende a porcaria do celular.

A mulher começa a digitar com uma expressão nada simpática e eu aguardo impaciente. Estou a ponto de saltar sobre o balcão quando algo me impede.

— Lis? — Diz a voz que está presente nos meus pesadelos. — O que você está fazendo aqui?

Viro-me para gritar com Rodrigo por ele me chamar desse jeito, mas o que vejo me desarma por completo. Rodrigo está com a roupa social comple-tamente desalinhada, os cabelos pretos com o topete que o acompanha por quase toda a vida está uma bagunça e seus olhos estão vermelhos como se ele estivesse chorando há uma semana. O que será que aconteceu com ele?

— O que aconteceu? — Pergunto, ignorando a sua pergunta. Minhas pernas criam vida própria e se aproximam dele. — Digo, o que aconteceu? — Chama-lo pelo apelido da adolescência parece surpreendê-lo tanto quanto surpreende a mim mesma.

Por que raios eu o chamei assim?

Rodrigo leva o apelido como uma deixa para quebrar o espaço ínfimo que existia entre a gente e me abraça. Eu ia empurra-lo, juro que ia, mas sentir que ele treme enquanto soluça de chorar só faz com que eu o aperte mais contra mim e tente o consolar seja lá pelo que for.

— Eu só a tinha, Lis. — Ele fala em meio aos soluços. — Eu só a tinha comigo e agora ela também se foi. Todos se foram! Você também se foi.

Eu nunca o vi desse jeito. Rodrigo chora copio-samente abraçado a mim bem no meio de uma recepção de hospital. Percebo os olhares curiosos para nós dois, afinal, ele é o prefeito, é claro que todos olhariam.

— Vem, vamos sair daqui e você me conta o que aconteceu.

Rodrigo não protesta apenas me segue enquanto eu o levo para o único lugar que eu consigo pensar e é perto daqui. O lugar onde tudo terminou anos atrás.

Não foi muito fácil praticamente carregar um homem como Rodrigo até aqui, mesmo que por uns poucos 10 minutos. Eu o sentei em um dos bancos do jardim e Sérgio foi muito gentil em oferecer um chá de camomila sem perguntar nada sobre o ocorrido. Ele sumiu mansão adentro enquanto eu olho um Rodrigo estático à minha frente.

— Quer me falar o que aconteceu? — Pergunto preocupada por ele não dizer uma única palavra.

— Minha mãe faleceu. — Ele diz simplesmente.

Meus olhos começam a lacrimejar imediata-mente. Eu nunca me esqueci dos pais do Rodrigo, eles me tratavam como uma filha de uma forma que eu nunca fui tratada pelos meus pais. Dona Laura era um exemplo de mulher e eu realmente lamento a morte dela.

Sem pensar muito, abraço-o devagar e permito que algumas lágrimas caiam dos meus olhos.

— Eu sinto muito, Digo. Sinto muito de coração. Imagino que o seu Augusto deva estar muito mal. — Falo enquanto choro e sou surpreendida com um riso sem força ou sentimento algum. Apenas uma risada vazia.

— Você não sabe mesmo, não é? Não faz ideia do que aconteceu depois que você foi embora, não é mesmo? — Ele pergunta depois desse som

esquisito que saiu da sua boca.

Eu ia responder com outra pergunta, mas Sérgio aparece com uma bandeja com os chás e também alguns biscoitos amanteigados que eram os meus preferidos quando vinha passar as tardes com o seu Antenor. E é claro que Sérgio se lembra disso. Ofereço a ele um sorriso grato e ele deixa a bandeja antes de se retirar mais uma vez.

— O que eu deveria saber? — Finalmente faço a minha pergunta para Rodrigo.

— A gente precisa mesmo conversar. Eu preciso te contar tudo e você vai decidir o que fazer depois que souber, mas, por agora, enquanto preparam o corpo da minha mãe para o enterro, eu posso só ficar com você um pouco? — Rodrigo pede com tanta urgência que eu não nego. Eu não quero negar, essa é a realidade.

Eu lamento muito pela morte da dona Laura. Lamento que tudo tenha acontecido da forma como aconteceu entre nós. Lamento que tenhamos perdido dez anos de uma história que tinha tudo para ser linda. Lamento que seu Antenor tenha morrido com uma esperança vazia de que eu retornaria. Lamento por muitas coisas, de fato. Essa noite, porém, a única coisa que eu quero é não lamentar e compartilhar minha árvore com o Rodrigo mais uma vez, com a ideia utópica de que tínhamos 18 anos de novo, que podíamos sentar sob aquela árvore e fingir que nada mais importava no mundo.

Talvez, se eu fechar os olhos, eu consiga voltar àquela noite de primavera em que prometemos que o que havia entre nós seria eterno e me esquecer do vazio que pairava nessa promessa. Só talvez.

Quarta parte:

Primavera

*"E assim como a primavera,
eu me deixei cortar para vir mais forte..."*

Clarice Lispector

VII

Tudo aconteceu rápido demais. Confesso que não foi nada fácil acompanhar o Rodrigo enquanto ele ia enterrar a mãe. Dona Laura foi como uma mãe para mim desde que eu e Digo começamos a namorar de verdade. E foi um choque também saber que seu Augusto também tinha falecido. O que aconteceu nesses anos em que eu estive fora? Rodrigo não me deu detalhes, apenas disse que depois conversaríamos e esclareceríamos tudo.

Encontrei Luciana no cemitério da cidade, ela também veio ao enterro e disse que estava com Rodrigo quando ele recebeu a notícia. Eu não entendi o que ela fazia com ele e ela também não quis me contar. Disse apenas que me ligou assim que soube e preferiu omitir que me chamou para o Rodrigo e não para ela porque sabia que eu poderia não vir. Talvez ela estivesse certa, no final das contas.

Na noite passada, Digo e eu ficamos pelo jardim que agora me pertence, embaixo da árvore, que costu-mava ser nossa, enquanto ele chorava vez ou outra e eu disponibilizava meu ombro ou usava o dele, até que caímos no sono ali mesmo, na grama.

Acordamos com o sol nos dando bom dia e confesso que não sei descrever o que senti ao perceber que o som de batidas do coração que eu ouvia eram do Rodrigo. O meu Rodrigo. Ou o que era meu no passado. Eu senti meu corpo inteiro arrepiar quando levantei meu rosto na altura do seu e vi um sorriso meio triste quando ele me desejou bom dia e depositou um beijo rápido na minha boca. Eu preferi acreditar que se tratava de um gesto involuntário ou impensado.

Não tive muito tempo para descobrir ou fazer algo a respeito de qualquer forma porque seu celular não parou de tocar depois disso. A única ligação que ele atendeu foi a do seu assessor dizendo que estava tudo pronto para o velório.

E aqui estamos nós.

Bom, eu estou um pouco afastada com a Luciana enquanto ele está perto do caixão. Algumas pessoas me reconheceram e vieram me cumprimentar, lamentando que tenham me visto só nessa circunstância. Confesso que fiquei muito surpresa porque achei que depois que meus pais saíram da cidade com o meu irmão pouco depois de eu ter me mudado, eu

seria apenas mais uma pessoa passageira de uma cidade pequena. No entanto, eles lembravam mesmo de mim. Ouvir a dona Guilhermina, a grande matriarca da família Alves, os mais populares de toda a cidade, chamar-me de "menina Elisa" e dizer o quanto eu estou bonita como ela sempre soube que eu ficaria, emocionou-me demasiadamente.

Talvez eu conheça cada pessoa que está aqui hoje se despedindo da dona Laura. Alguns cresceram comigo, outros eu vi crescer até o momento em que parti e ainda tem aqueles que são frutos da geração que eu fazia parte. Comecei a me perguntar como seria se eu nunca tivesse ido embora. Se eu tivesse apenas estudado e voltado como pretendia no início. Se eu tivesse me casado com o amor da minha vida, como meu tolo coração costumava pensar. É realmente torturante olhar para cada canto dessa cidade e pensar em tudo que perdi e sentir saudade de uma coisa que nem ao menos cheguei a viver. É lamentável.

— Você a conhecia bem? — Luciana pergunta ao meu lado.

— Sim — respondo secando uma lágrima que ameaçava cair. — Na verdade, ela acabou se tornando a mãe que eu sentia falta por um tempo.

Luci sabia o quanto meu relacionamento com a minha família era complicado. Meus pais nunca me amaram só pelo fato de eu não ser como o meu irmão. Eles sempre tiveram muito dinheiro e esperavam que eu fosse a filha perfeita e seguisse os passos de todos da família, só que eu odiava me imaginar dentro de uma empresa de cristais, presa por causa do legado dos Duarte Fernandes. Não, eu preferi seguir meu sonho e deixar tudo pro meu irmão, que era a cópia do meu pai, só que meu sonho me custou minha família. Eles se recusaram a ter uma filha paisagista e agora fingem que eu não existo. É ruim demais olhar para o espelho e ver que da família eu só tenho olhos verdes.

— Você deveria ir lá se despedir, então — diz Luci, tirando-me das minhas lembranças ruins.

— Acho que está bom eu ficar por aqui.

— Elisa, o Rodrigo precisa de você agora. Não banque a teimosa e orgulhosa e vá dar apoio ao homem que você ama e se despeça de alguém que você amava também.

Luciana tem o poder de resumir tudo que precisa ser dito a mim em poucas palavras. Se fosse qualquer outra pessoa dizendo esse tipo coisa e nesse tom para mim, eu certamente ignoraria ou responderia de maneira bem rude, mas Luci não. Ela tem o meu respeito e tem o meu amor também, do

meu jeito, mas tem.

Sem pestanejar muito, saio do lado da minha amiga e vou pedindo licença até chegar ao lado do Rodrigo, bem em frente ao caixão. Eu sei que vim aqui para consola-lo, mas ver o rosto da mulher que costumava ser tão sorridente estático, pálido e sem vida é demais para mim. Ela que costumava fazer chocolate quente para mim nos dias frios ou simplesmente quando eu aparecia na casa dela para poder conversar. Ver o rosto da mãe que eu amei rodeado de narcisos brancos, suas flores preferidas que bem me lembro, faz-me ter uma vontade louca de chorar, como há muito tempo eu não sentia. E eu só percebo que meu corpo inteiro tremia e soluços estridentes saiam de mim quando Rodrigo me ampara e choro no seu peito, molhando toda a sua camisa social preta. Ele quem me consola no final de tudo.

Luciana, Rodrigo e eu estamos no carro que aluguei indo em direção à mansão. O enterro acabou há poucos minutos e eu sei que o que precisamos agora é um banho. Nada vai apagar a perda ou a saudade nos nossos corações, mas Rodrigo foi o primeiro a dizer que Deus recolheu sua mãe porque ela já O pertencia e tinha chegado a hora de ela voltar para casa. Luci resolveu voltar para a nossa empresa, mas achei melhor que ela ficasse por essa noite e fosse de manhã. Eu ofereci um quarto na mansão e eu ficarei novamente no quarto que era da Judite. Rodrigo perguntou se podia vir e passar a noite no parque, claro que eu não recusaria o seu pedido e a gente também precisava conversar.

Depois que todos tomamos banho, Luci pediu licença e se retirou para um dos quartos de hóspedes. Rodrigo e eu permanecemos na varanda que eu costumava ficar com o seu Antenor, meu coração está do tamanho de uma noz.

— Você pode usar um dos quartos, se quiser — ofereço ao Rodrigo que está na cadeira ao lado da minha. — Não precisa dormir na grama, quero dizer.

— Obrigado, Lis. Na verdade eu acho que a gente precisa conversar.

Eu também acho, penso imediatamente.

— Eu sei, mas não precisa ser agora. O dia foi muito puxado.

— Se você não se importar, prefiro que seja agora — Rodrigo me olha com intensidade e sinto meu corpo inteiro se arrepiar. *O que esse homem faz comigo?*

— Tudo bem então.

Ele parece procurar as palavras para começar a falar enquanto coça a nuca, um gesto que eu reconheço como um sinal de nervosismo da sua parte.

— Lis, eu nunca deixei de te amar — ele começa. — Eu nunca imaginei a minha vida sem você como minha esposa.

— Então por que você me mandou embora? — Minha voz sai como um sussurro que eu nem sequer sei se ele entendeu, mas minha garganta está fechada demais com o choro compulsivo que eu tento controlar para falar de modo decente.

— Eu precisei. Eu precisava te mandar embora para que você fosse atrás do seu sonho. — Rodrigo começa a narrar a história da doença do seu pai, de como teve que recusar a bolsa na faculdade da capital para ficar e cuidar da sua família e de como foi difícil até mesmo confluir a faculdade aqui.

— Por que você não me contou? Eu poderia ter ficado e te ajudado. — A essa altura, eu já não tinha controle nenhum sobre o choro.

— Porque eu sabia o quanto era importante para você se tornar uma paisagista e eu nunca me perdoaria se você recusasse isso por minha causa. Eu achei que seria melhor se você fosse e depois voltaríamos aos nossos planos.

— E você não pensou que eu tinha o direito de decidir?

— Você não ia decidir com a razão, Lis.

— Que se dane a razão! — Grito, de repente. — Eu amava você, Digo. Amava! Nós tínhamos planos! Íamos nos casar! Você tem noção do quanto eu te odiei por todos esses anos?

— Eu não me importo. Eu ainda amo você, Lis. Sempre vou amar.

— Você acha que é assim tão fácil? Você diz que me ama e agora o quê? Vamos recomeçar como se nada tivesse acontecido?

Eu não estava conseguindo controlar meus nervos. Talvez ainda houvesse raiva dentro de mim. Mágoa. Eu não sei. Levanto-me bruscamente e vou em direção à porta para entrar, mas Rodrigo pega o meu braço e me puxa para si.

— Não acho que devemos fingir que nada aconteceu, mas acho que merecemos a chance de recomeçar — Rodrigo me olha com intensidade e nesse momento a única coisa que eu penso é que eu quero beijá-lo. E como quero...

E assim o faço. Sumo com qualquer espaço que havia entre nós e colo

minha boca na sua. Rodrigo me retribui na mesma intensidade e sussurra meu apelido vez ou outra. O beijo é repleto de ansiedade, saudade e de anos de uma paixão reprimida. Beijamo-nos como se não houvesse amanhã e eu só quero mais. Eu quero o Rodrigo por completo. Começo a desabotoar o primeiro botão da sua blusa quando suas mãos param o meu movimento.

— Não, Lis. Assim não. Eu quero que você seja minha mulher por completo. Eu quero te levar para o altar e ter a bênção de Deus.

Sinto-me rejeitada. Eu sei que ele sempre foi assim, eu mesma tentei me aproximar sexualmente dele por várias vezes, mas ele sempre deixou claro que queria fazer o certo comigo porque eu era a mulher certa, contudo, agora, nesse instante em que minha vulnerabilidade ficou tão exposta, só consigo pensar em como me sinto rejeitada com a sua recusa.

Viro-me de costas e abraço a mim mesma, ele tenta se aproximar, mas eu recuo e deixo claro o quanto ele me magoou.

— Elisa, por favor, não faz assim. Eu amo você. — Ouvi-lo me chamar pelo nome dói mais do que a rejeição.

— Eu quero fazer o certo com você, Lis. Sempre quis. Eu quero te leva para o altar, ter a benção de Deus e nos transformarmos em um só. Por favor, olhe para mim.

— Não tenho tanta certeza disso, Rodrigo.

Eu não olho, pelo menos de imediato. Parte de mim só queria ter a certeza de que ele realmente me ama e de que podemos recomeçar. Eu não posso enganar a mim mesma pelo resto da vida dizendo que não o amo, porque eu o amo. Eu o amo com loucura. E eu só queria uma chance de recomeçar. De perdoar o passado verdadeiramente.

Solto um suspiro pesado e encaro a porta, sem saber o que mais poderia fazer.

Rodrigo aparece em meu campo de visão e por um instante eu acho que ele vai embora, mas na verdade ele somente se afasta um pouco, tira uma corrente do pescoço e se ajoelha sobre um joelho na minha frente.

— Lis, hoje eu perdi a mulher que me deu à luz, que me ensinou a ser o homem que eu sou, mas eu sei que Deus a acolheu e agora ela está em um lugar melhor. Contudo, em meio a essa perda, você está aqui e eu não quero te perder outra vez. — Rodrigo mexe na corrente e é só então que eu percebo um anel ali. — Durante esses 10 anos eu carreguei essa aliança perto do meu coração porque eu tinha comigo a certeza de que você voltaria para mim e eu esperei por você. Por esse momento. Elisa Duarte Fernandes, você aceita

final-mente se casar comigo?

Rodrigo é um borrão na minha frente de tantas lágrimas que saem dos meus olhos. Eu choro e sorrio e nesse momento apenas uma palavra resumiria tudo que estou sentindo:

— Sim.

VIII

Eu nunca imaginei na minha vida que voltaria para a cidade que me causava tantos pesadelos e ainda que me casaria com o homem que se tornou o amor da minha vida desde que entendi o significado do que era amar alguém. Mas cá estou eu, na mansão que eu amava ficar e agora é minha, arrumando-me para o dia mais feliz da minha vida. O dia do meu casamento com o Rodrigo.

Depois que ele me fez o pedido no parque, há algumas semanas, decidimos que nos casaríamos ali mesmo, onde tudo foi dando início. Escolhemos o Equinócio da primavera para celebrar esse dia tão especial. Nada melhor do que o começo da nossa estação preferida para marcar nossas vidas para sempre. Nada melhor do que criarmos o nosso próprio “para sempre”.

Eu me olho no espelho agora e só consigo sorrir. Um sorriso banhado por lágrimas de felicidade ao saber que eu pude enfim encontrar o amor. Reencontrá-lo, na verdade.

Às vezes eu não consigo acredito no quão tola eu fui por achar que o amor não existia e deixar meu coração ferido comandar toda a minha vida. Eu fiz coisas das quais me arrependo e me afastei voluntariamente cada vez mais do homem que eu amo. Eu imagino como tudo seria diferente se eu não tivesse sido tão orgulhosa e estúpida ao ponto de não procurar Rodrigo para saber o que tinha acontecido de verdade. Eu o conhecia e dentro de mim sabia que ele não era aquele tipo de cara, mas eu estava machucada demais e deixei a raiva me dominar.

Ao invés de procurá-lo para esclarecer as coisas, a Elisa idiota dentro de mim achou melhor trancafiar o coração para qualquer sentimento referente ao sexo oposto e apenas satisfazer o desejo da carne. Antes de ir em frente com o casamento, preferi conversar com o Rodrigo e esclarecer o quanto fui promiscua e indecente apenas para satisfazer um desejo interno meu. A grande verdade é que eu não ia atrás do sexo em si, mas da ideia que eu tinha de que se deixasse outros homens se aproveitarem do meu corpo, então estaria ferindo ao Rodrigo por estar compartilhando com outros algo que eu sempre tive como seu. Eu nunca me senti de nenhum outro homem apesar de ter dormido com um bom número deles. Nunca passou disso, sempre foi o

sexo físico em busca da satisfação momentânea, contudo, meus pensamentos sempre pertenceram a um único homem.

Eu me senti tão suja ao relatar para ele tudo que tinha vivido nesses dez anos e me senti ainda pior quando ele me abraçou e disse que nada daquilo importava porque ele tinha me esperado e sabia que valeria a pena exatamente por eu ser o amor da vida dele. Eu não mereço esse homem. Eu realmente não mereço esse homem.

Rodrigo sempre foi uma ótima pessoa. Foi Ele que me apresentou a Deus e, apesar de nunca ter sido uma cristã assídua como ele, seu Antenor e até mesmo a Luci, eu sempre acreditei que Deus é capaz de todas as coisas por ser dono de todas elas. E, enquanto passava meu tempo com Rodrigo, entendi que o cristianismo não é uma questão de só estar em alguma igreja com frequência, mas ser uma em todo momento. E ele é. Esse homem é simplesmente a melhor pessoa que Deus poderia ter colocado na minha vida por inúmeras razões, mesmo que eu não seja merecedora de nada disso. E agora, enquanto vejo através do meu reflexo no espelho a minha maquiagem toda borrada por causa das lágrimas, a única coisa que se passa pela minha cabeça é o quanto eu sou grata a Deus por Rodrigo nunca ter desistido de mim. Por *Ele* não ter desistido de mim. Eu não mereço, eu sei, mas recebo com muita alegria todo o amor de Deus para comigo.

— Elisa! — Luci grita da porta do quarto. — Meu Deus! O que aconteceu com a minha obra de arte? Ah, não, Lisa, eu vou ter que te maquiarr tudo de novo!

Eu acabo rindo da expressão da minha amiga. É claro que ela é minha madrinha, não havia possibilidade de ser diferente.

— Desculpe-me, Luci. Eu apenas estava me lem-brando da minha história até aqui.

— Ah, amiga. Não fala nada ou eu vou começar a chorar também. Vem, deixa eu te maquiarr logo que temos um noivo ansioso lá embaixo.

Nós trocamos sorrisos e Luci começou o trabalho de limpar todo o meu rosto para maquia-lo novamente.

E enfim, depois de longos dez anos, eu me tornaria a senhora Castilho, como eu sonhava nos meus mais belos sonhos.

IX

Rodrigo

Eu não consigo imaginar um momento mais feliz como esse. O momento em que estou esperando pela Elisa para nos casarmos. A minha Lis.

Quase toda a cidade está acomodada pelo parque, o pastor Celso está esperando ansiosamente, assim como eu. Ele me disse um pouco antes da cerimônia que acreditava que Deus o daria a honra de realizar esse enlace matrimonial entre nós dois. Talvez todos da cidade acreditassem, afinal, devo ter escrito na testa o quanto eu a amo e sempre amei.

Vê-la partir foi a coisa mais difícil que eu tive que fazer na vida, viver sem ela por todos esses anos foi uma tortura sem fim, contudo, eu sei que faria tudo de novo para que ela pudesse realizar o seu sonho e eu pudesse cuidar dos meus pais. Eu só consigo pensar no quanto eles estariam felizes se estivessem aqui hoje, sempre tiveram a Elisa como uma filha e queriam muito nos ver casando, mas Deus sabe de todas as coisas, Ele lidera todos os planos e traça todas as rotas, se Ele achou que era a hora de eles partirem, então que assim seja, carregarei para sempre em meu peito um mar de saudade que será uma gota comparado aos oceanos de amor que tenho dentro de mim pelos dois.

Meus pais foram os maiores exemplos que eu tive na vida. Eles me ensinaram o caminho do Evangelho, me ensinaram o certo e o errado, me ensinaram a amar e o valor das pequenas coisas. Apenas por pensar neles que eu entendi que um sacrifício pelo momento não seria nada comparado com o que viria para o futuro.

Eu nunca duvidei de que Elisa e eu voltaríamos a nos encontrar. Nunca pensei na possibilidade de viver uma vida sem ela, eu esperei, esperei com paciência no Senhor e Ele me ouviu. Durante dez anos eu coloquei esse relacionamento nas mãos dEle, durante dez anos eu orei incessantemente por ela, pela mulher que eu amo. Deus nunca deixou dúvidas de que Ele cuidaria dela enquanto eu cuidasse do que quer que Ele colocasse em minhas mãos. E foi o que fiz. Ou pelo menos tentei fazer durante esses anos.

Eu cuidei dos meus pais até seus últimos suspiros. Cuidei da cidade da melhor forma que consegui, sempre com a ajuda os próprios cidadãos. Cuidei

de mim como pude, estudei e me formei no que eu sempre sonhei, com a certeza de que quando o momento ideal chegasse, eu exerceria a minha profissão com amor e alegria. E, durante todo esse, cuidei da Liz em oração.

Talvez uma parte minha, a mais primitiva, tenha ficado baqueada quando sentamos para conversar e ela resolveu me contar tudo que tinha feito ao longo desses anos, todavia, essa é apenas uma pequena parte do homem que eu sou, a maior parte, graças a Deus, é composta pelo filho do dono de todo o amor do mundo, de todo o mundo. E é exatamente essa parte que prevaleceu em meio a tudo.

Elisa e eu já tínhamos nossa história escrita por Deus, como se fosse um livro já escrito que o autor espera apenas o momento certo para publicar e, tendo Deus como autor, nosso momento não poderia ser o mais perfeito, pois tudo que vem dEle não pode ser diferente. Elisa e eu tivemos altos e baixos, idas e vindas, mas no final, o que sempre importou de verdade foi o nosso amor. E agora, vendo-a vir até mim com um sorriso deslumbrante, vestida de noiva e o semblante feliz, só me faz ter a certeza de que tudo valeu a pena. Tudo sempre valeu a pena. Eu esperei, esperei por anos, mas agora tenho exatamente o que eu sempre sonhei. As estações se passaram, mudaram, mas para nós, essa primavera representa aquela primavera de anos atrás em que fizemos a promessa de nos amarmos para sempre. E agora, perante todos e sob a benção de Deus, faremos essa promessa mais uma vez, em forma de votos, selando o nosso “para sempre” com alianças de amor e provaremos que na viagem do amor, o tempo é só mais um passageiro.

Epílogo

Sete anos depois...

— Yasmin! Não corra tanto, querida!

Às vezes eu não consigo acreditar que minha pequena flor já estava com cinco anos. Ela nasceu na segunda primavera após o casamento e Rodrigo e eu não poderíamos estar mais felizes com o nosso bebê.

Yasmin é um encanto de menina, sempre foi. Ela puxou os cabelos negros do pai e carrega os olhos verdes da família Duarte Fernandes, mas, ao olhar para ela, eu não sinto rancor, raiva ou nada parecido que costumava sentir todas as vezes que olhava meus próprios olhos no espelho. Quando eu olho para ela eu vejo o amor refletido ali. Eu vejo paz. Eu vejo o meu lar.

Vê-la tão feliz, correndo entre as árvores do parque — agora público e batizado de Parque Municipal Antenor de Almeida — enche meu coração de alegria. Eu doei o parque no verão depois do casamento e eu não me desfiz da mansão, afinal. Rodrigo e eu decidimos que poderíamos passar um tempo aqui é um tempo na capital. Luci toca o trabalho quando estou por aqui e Rodrigo abandonou a política para começar a trabalhar como arquiteto. O melhor arquiteto que esse país já viu, devo enfatizar.

Yasmin pediu para que sua festa de aniversário fosse comemorada aqui, ela adora esse lugar e sempre pede que venhamos para cá nas férias da escola. Estamos pensando seriamente em fixar residência.

— Mamãe! Mamãe! — Minha florzinha vem correndo para meu colo. Eu a pego com gosto e beijo sua bochecha rechonchuda. — Você pode me contar a história da Rodisa de novo?

Yasmin tem no rosto o sorriso que eu nomeei como o mais lindo da face da terra. Rodisa é a árvore que tanto marcou minha história com Rodrigo, no dia do casamento Luci nos deu um documento feito por ela que marcava aquela árvore como um ponto histórico e muito importante. É claro que ele não tinha valor legal e não era histórico de verdade, mas é especial para nós e com certeza memorável. Para sempre.

— Você quer ouvir de novo? — Afago os cabelos negros e ondulados da minha pequena flor. — Você não já ouviu essa história umas 50 vezes? —

Sorrio para ela.

— Já, mas eu gosto de como você conta sua história com o papai.

— Tudo bem então, meu amor. Senta aqui com a mamãe que eu vou contar tudinho.

Yasmin se senta ao meu lado e se encosta à Rodisa, assim como eu. Quando eu ia começar a narrar a história que minha filha tanto gosta, o homem mais lindo do mundo chega ao nosso lado.

— Achei as mulheres da minha vida! — Rodrigo se abaixa para ficar da nossa altura. — O que vocês estão fazendo? Não vai aproveitar com seus amigos, Yaya?

— Vou, papai. Mas fique quietinho agora, mamãe vai começar a história.

— Ah, é? Qual história?

— Da Rodisa, é claro — Yasmin fala como se fosse óbvio, arrancando risos do seu pai.

— Posso ouvir também? Eu amo essa história. — Rodrigo se aproxima de mim com um daqueles sorrisos que ainda me deixam com as pernas bambas.

— Pode, papai. Mas precisa ficar em silêncio para ouvir, está bem? — Minha filha diz como uma verdadeira adulta.

Rodrigo fez o gesto de como quem fecha um zíper na boca e se senta perto de mim. Aconchego-me nele e me preparo para contar a história com meus dois presentes de Deus. Eu não queria uma vida mais feliz.

— Era uma vez um jovem casal que se conheceu no inverno...

Agradecimentos

Em primeiro e em todo lugar sempre agradecerei a Deus, pois tudo é e sempre será dEle, por Ele e para Ele. E foi Ele que me fez entender que o amor é tão grandioso que sempre será digno de ser escrito, falado, lido e, principalmente, sentido.

E é claro que não posso deixar de agradecer a algumas pessoas especiais, como minha grande amiga Thalyta por me aguentar nas madrugadas que é quando minhas ideias surgem. Você é um arraso amiga!

E, com uma grandiosa importância, agradeço a minha BestBeta mais maravilhosa de todos os tempos! Você já deve saber o quanto eu sou grata a você, mas não vou cansar de repetir. Eu sou muito feliz com Deus por Ele ser tão maravilhoso e ainda me surpreender com Seus esquemas, a forma com que fomos unidas foi incomum, mas nunca fiquei tão feliz por gostar tanto de uma anormalidade. Sério, sem você esse conto não seria o que é, obrigada Yasmin.

Agradeço em especial a Carina, Raquel e Juliana, vocês são mais que irmãs para mim, sério, amo vocês imensamente, seu incentivo me fazer chegar aos céus sem ao menos tirar os pés do chão.

Por último e nunca menos importante, agradeço aos meus amigos de coração, minha família de alma e à minha família de sangue. Minha gratidão a todos vocês.

De coração. Que Deus os abençoe!
Até a próxima, Eli.

Sobre o autor



Eliane Nascimento é carioca, psicóloga por formação, escritora por paixão e leitora por amor. Cristã e apaixonada pela família, usa o tempo livre para ler e deixar a imaginação viajar com liberdade. Perdida em seu próprio mundo, achou nas palavras um meio de expor suas ideias, ideais e de deixar Deus usá-la como instrumento. Os pulmões clamam por ar como o coração por Cristo. Os olhos amam letras como as mãos se apaixonaram por canetas. Escrever é se deixar levar em uma viagem para espalhar o amor de Deus através da escrita. Filha de um Pai extraordinário que usa o ordinário para alcançar a nação de modo visionário. Tudo é dEle, por Ele e para Ele.